

CHARLOTTE DELBO E LARA DE LEMOS: POESIA FEMININA, TESTEMUNHO E RESISTÊNCIA NA ERA DAS CATÁSTROFES¹

*Évila de Oliveira Reis Santana**

RESUMO — *O presente artigo propõe uma leitura comparada entre um poema de Charlotte Delbo, poeta resistente francesa da Segunda Guerra mundial, e dois poemas de Lara de Lemos, poeta resistente brasileira na Ditadura Civil-Militar no Brasil, ocorrida em 1964-1985. A discussão busca mostrar que essas vozes femininas se constituem na representação estética dessas catástrofes, sendo, portanto, um testemunho autêntico e irrefutável, nada obstante a forte marca subjetiva que caracteriza a poesia lírica.*

PALAVRAS-CHAVE: *Poesia lírica feminina. Resistência. Ditadura Civil-Militar Brasil.*

La véritable justice, ce n'est pas la vengeance,
c'est la mémoire. (ROBERT BADINTER)³

Ao optar pelo gênero lírico, que é o gênero dos trovadores, daqueles que, ao comporem as cantigas de amigo, simulavam um eu lírico feminino, à primeira vista parece que as poetas Charlotte Delbo⁴ e Lara de Lemos⁵ dobram-se ao peso daquilo que podemos denominar de falocentrismo poético. Os trovadores assim procediam em razão de, àquela época, a mulher não ter espaço e nem voz nas relações sociais. Todavia, o *modus faciendi* dessas duas autoras toma um rumo que está para além dessa designação, pois ambas rompem com os padrões da lírica tradicional. A primeira por compor uma poesia que congrega, de modo simultâneo, marcas de outros gêneros e, a

*Prof. Assistente (DLA/UEFS/UNEB). E-mail: evila_oliveira@yahoo.com.br

Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de Letras e Artes. Tel./Fax (75) 3224-8265 - Av. Transnordestina, S/N - Novo Horizonte - Feira de Santana/BA – CEP 44036-900. E-mail: dla@uefs.br

segunda, por compor uma lírica, nada obstante intimista, porém, profundamente marcada pelo aspecto social, o que a tornou pioneira na literatura feminina de cunho social no Rio Grande do Sul.

Charlotte Delbo, poeta francesa, comunista, foi detida, em Paris, pelos alemães no dia dois de março de 1942 em razão das suas atividades clandestinas na resistência. Estava no último comboio de políticos franceses não judeus que foi deportado para Auschwitz II-Birkenau.

Lara de Lemos, poeta brasileira, jamais se afiliou a nenhum partido político, mas era contra a violência da ditadura civil-militar que teve início com o Golpe de 31 de março de 1964. Por esse motivo foi presa duas vezes.

Os escritos dessas autoras foram construídos sob o signo da violência e se constituem em matéria de testemunho e de resistência a fatos ocorridos durante a Ocupação alemã na França, no período da Segunda Guerra mundial, e da Ditadura Civil-Militar no Brasil. O ponto de interseção que identificamos entre as matrizes poéticas selecionadas é o retorno da viagem aos submundos dos campos alemães e dos porões brasileiros de tortura. A poesia dessas autoras é, aqui, entendida como documento autêntico de testemunho e de resistência, ou seja, uma poesia que traz as fraturas de regimes de exceção que, na história, se inscrevem, da mesma forma que os eventos-limite, como «poemas-limite», fruto de experiência-limite, mas, que, apesar de engajados, mantêm incólume, a marca subjetiva.

Para esta reflexão selecionamos um poema de Charlotte Delbo, cujo título é “Une connaissance inutile” (Um conhecimento inútil), e dois poemas de Lara de Lemos: “Celas 23” e “Celas 24”.

O testemunho, que se encontra inscrito nos poemas dessas duas poetisas, é uma das provas irrefutáveis de que o século XX se destacou como um dos mais violentos na esteira histórica. Este fato, por conseguinte, reorienta a forma com a qual, até então, se costumava pensar o passado, cujas convicções se assentavam sobre ideais que passaram a se afigurar não mais como valores “eternos,” como, por exemplo, o grau de

humanidade da espécie humana, que passou a ter um significado nada dignificante, e ganhou desconfiança quanto a se, realmente, existe. Como, muito apropriadamente, destaca o crítico Seligmann-Silva os resultados da Segunda Guerra mundial fez nascer a iminente necessidade de se repensar as formas de se ler o passado: “Desde meados do século XX [...] está-se construindo uma nova *ética e estética da historiografia*. As novas formas de representação do passado foram modeladas a partir do próprio histórico que a Segunda Guerra implicou”⁶. Especialmente, no mundo ocidental, as artes foram contaminadas pelos efeitos daquela catastrófica guerra, passando a se apresentarem com as suas mesmas características: arranhadas e cheias de fraturas.

Podemos localizar as origens tanto do testemunho, quanto da resistência nas tragédias gregas as quais já traziam na tragicidade do *gestus* o comportamento humano, com suas virtudes e seus defeitos. O testemunho pode se apresentar a partir de dois aspectos: *testis* e *superstes*. *Testis* tem na “lei do olho” o seu princípio e mantém uma estreita relação com o aspecto falocêntrico. A sua origem pode ser localizada na Oréstia, de Ésquilo, mais precisamente na *Eumênides* que, ao dramatizar o julgamento de Orestes, matricida, este é absolvido por uma mulher: Atena.

Já o testemunho enquanto *superstes* pode ser entendido como o consórcio entre visão e audição. Com a valorização da audição, o testemunho, especialmente o provindo das massas excluídas, passou a ter o valor especial, de documento autêntico. A *superstes* é conferido não o estatuto de terceira testemunha, como aquela que só observa, mas a personagem/testemunha que participa/vive os fatos. O testemunho enquanto *superstes*, “descreve a ‘testemunha’ seja como aquele ‘que subsiste além de’, testemunha ao mesmo tempo *sobrevivente*, seja como ‘aquele que se mantém no fato’, que está aí presente,”⁷ isto é, o corpo que sente.

“Une connaissance inutile”

Et je suis revenue
Ainsi vous ne saviez pas,
vous,
qu’ on reviens de là-bas

On revien de là-bas
Et même de plus loin

*

Je reviens d’ un autre monde
dans ce monde
que je n’ avais pas quitté
et je na sais
lequel est vrai
dites-moi suis-je revenue
de l’ autre monde?
Pour moi
je suis encore là-bas
et je meurs
là-bas
chaque jour en peu plus
je remeurs
la mort de tous ceux ce qui sont morts
et je ne sais plus quel est le vrai
du monde-là
de l’ autre monde-là-bas
maintenant
je ne sais plus
quand je rêve
et quand
je ne rêve pas
[...]

*

Je suis revenue d'entre les morts
 et j'ai cru
 que cela me donnais le droit
 de parler aux autres
 et quand je me suis retrouvée en face d'eux
 je n' ai rien eu à leur dire
 parce que
 j' avais appris
 là-bas
 qu'on ne peut pas parler aux autres.

Este poema se inicia com uma conjunção aditiva, “et”, cuja função é adicionar, ligar, dar continuidade ao fluxo de um enunciado lingüístico. No contexto em questão, esta conjunção, além de manter esta função sintática, propicia a impressão de incredulidade quanto a um estar (de volta) e, ao mesmo tempo não estar (de volta), como alguém que partiu e, que, ao mesmo tempo, ficou. A conjunção “et” funciona, então, como a ponte que se estabelece entre as duas dimensões de realidades: a que ficou e a que é, entre o verdadeiro e o verídico, e, ainda, entre aquilo que fica do que passou, especialmente se se considera que “O passado não é aquilo que passa, é aquilo que fica do que passou”⁸. Entendimento que se mostra muito claramente no decorrer do poema e, mais explicitamente, nesses versos:

Et je suis revenue
 Ainsi vous ne saviez pas,
 vous,
 qu' on reviens de là-bas

On revien de là-bas
 Et même de plus loin

*

Je reviens d' un autre monde
 dans ce monde
 que je n' avais pas quitté

et je na sais
 lequel est vrai
 dites-moi suis-je revenue
 de l' autre monde?
 Pour moi
 je suis encore là-bas
 et je meurs
 là-bas
 chaque jour en peu plus
 je remeurs
 la mort de tous ceux ce qui sont morts
 et je ne sais plus quel est le vrai
 du monde-là
 de l' autre monde-là-bas
 maintenant
 je ne sais plus
 quand je rêve
 et quand
 je ne rêve pas
 [...]

*

Je suis revenue d'entre les morts
 et j'ai cru
 que cela me donnais le droit
 de parler aux autres
 et quand je me suis retrouvée en face d'eux
 je n' ai rien eu à leur dire
 parce que
 j' avais appris
 là-bas
 qu'on ne peut pas parler aux autres.
 (Une Connaissance Inutile, 2008, p. 183-8. Ênfases nossas)⁹

Como se percebe, as impressões, ou o conhecimento obtido através de uma realidade física, que não mais existe, transforma-se em uma memória que se sustenta sobre o que restou do passado e que teima em ressurgir como uma ocor-

rência em um aqui e em um agora: “je suis encore là-bas”(eu estou ainda lá embaixo) (v. 15). O testemunho advindo dessa memória que é verbalizada, nestes versos, constitui-se em documento autêntico e se faz pelo consórcio de *testis*, o olho que vê, e, também, de *superstes*, o corpo que sente, ou seja, ‘testemunha’ ‘que subsiste além de’, testemunha ao mesmo tempo *sobrevivente*.

A questão de a quem caberia a missão de falar dos acontecimentos que ocorreram nos campos de extermínio, sendo Auschwitz o seu maior exemplo, é, também, colocada neste poema:

Je suis revenue d'entre les morts
et j'ai cru
que cela me donnais le droit
de parler aux autres
(Une Connaissance Inutile, 2008, p. 101-2)¹⁰

É nesta altura que recorremos aos estudos de Jean Norton Cru, quando este afirma que só quem viveu na própria carne a guerra é que tem o direito a testemunhar. Esta declaração foi feita quando dos seus estudos a respeito dos testemunhos de soldados da Primeira Guerra mundial para os quais deu ênfase à prosa, especialmente ao diário. Embora este estudioso valorizasse o diário, por aquilo que chamou de “exactitude fondamentale”, observamos que ao destacar particularidades do cotidiano de um soldado, sem se aperceber, releva e assegura aspectos da natureza da poesia lírica, ou seja, a valorização de fatos e aspectos dados como irrelevantes que se encontram diluídos no automatismo do dia-a-dia das lides de um soldado, por exemplo, e que só podem ser captados através de uma inspiração/sensibilidade lírica. Esta constatação reforça a nossa tese da integridade testemunhal que está encarnada no poema.

O poema “Celas 23” de Lara de Lemos, a exemplo do de Delbo, sustenta-se em uma situação de retorno de um encarceramento, especificamente no momento em que, ao que acaba de ser liberto, são entregues os seus pertences:

Eis que me retornam
vestes, sapatos,
Óculos, relógios.

Bolsa povoada
De lenços, moedas,
Inúteis estojos.

Despojada até aos ossos
Não sei o que fazer
De meus despojos.
("Celas 23", Inventário do medo, 1997, p.49)

Estes versos mostram o novo olhar que o sujeito lírico devota a pertences que, antes da prisão faziam sentido à sua vida por sua própria utilidade. Objetos que em algum tempo tiveram a função de essenciais, agora se configuram como acessórios inúteis. Comprovam, esses versos, que o despojo se deu no âmbito subjetivo, causando marcas na identidade do eu lírico. Da mesma forma que Delbo que se sente traída pela história que lhe tirou a própria língua depois de Auschwitz,⁹ porque as palavras de "antes" de Auschwitz não mais ostentam o mesmo sentido de "depois" de Auschwitz; a realidade em Lara de Lemos, alegorizada pelos objetos dos seus despojos, não é mais a mesma de "depois" da experiência nas "celas".

"Despojada até aos ossos," que é o sentimento de aniquilamento que acomete o sobrevivente dos campos de extermínio e dos porões das ditaduras, a única forma de fazer justiça é o testemunho. O qual pode se dar imediatamente após o conflito, ou *a posteriori*, como foi o caso de Delbo que, mesmo tendo chance de escrever enquanto estava detida em Auschwitz, deixou para "contar" depois, tendo o seu testemunho vindo a lume mais de 20 anos após a sua liberação. Esta mesma idéia, ou seja, a de testemunhar quando o presente se torna passado encontramos na fala de Lemos no poema "Celas 24:"

Quando tudo for passado
A memória reconstruirá cada momento

Com a fidelidade de um retrato
("Celas 24", Inventário do medo, 1997, p. 50)

Além do teor testemunhal, estes poemas se inscrevem como instrumento de resistência a catástrofes como as guerras e as ditaduras. Charlotte Delbo uma francesa comunista que lutou como resistente a um regime maligno e brutal e, Lara de Lemos, que, nem mesmo era filiada a qualquer partido, mas esboçou idéias opostas ao regime e isso era suficiente para que, ambas, "estivessem marcados para morrer", já que a competência dos governos ditatoriais não alcançava o diálogo, acostumados que estavam a acreditarem que podiam resolver os problemas sociais à força dos seus cassetetes.

A poesia lírica, mesmo sendo uma composição centrada nas impressões de um eu, subjetiva, portanto, reclama para si o estatuto de documento testemunhal, um lugar de memória, a intersecção entre o privado (a experiência subjetiva) e o público (a denúncia de fatos que ocorrem na malha social e que ganharam domínio público). Por se alçar ao social representando-o, a partir de pontos de vista particulares, a poesia de ambas autoras se inserem naquilo a que Sartre (1989) denominou de engajamento.

Tudo o que Charlotte Delbo e Lara de Lemos experienciaram como "o olho que viu" e o "corpo que sentiu", por motivo de resistência, o olhar do poeta trágico, Sófocles, já antevia e já inscrevia, na encenação do *gestus* das suas personagens Polinices e Antígona, os quais pagaram, com vida, as suas mesmas, o preço de questionar um edito real. Creonte encarna o autoritarismo exacerbado, de que pode se valer aquele que dispõe do aparelho de repressão e, assim, pode exercer, impunemente, o seu poder contra outrem. *Antígona* comparece, portanto, como a alegoria da permanência, dramatizada, da memória da resistência a poderes cruéis e injustos ou ilegalmente constituídos.

Nesta perspectiva, a poesia lírica comparece como um documento autêntico de testemunho e de resistência de eventos-limite, especialmente a lírica cuja fala denuncia, testemu-

na e resiste. E, como no dizer de Zeus, é o homem que, através do sêmen, garante a preservação da espécie, é, a poesia, o sêmen que fecunda a memória, impedindo que pessoas, eventos e coisas desapareçam na poeira do tempo.

CHARLOTTE DELBO E LARA DE LEMOS: FEMALE POETRY, TESTIMONY AND RESISTANCE IN THE ERA OF CATASTROPHES

ABSTRACT — *This article proposes a comparative reading between a poem of Charlotte Delbo, a French Resistance poet of the Second World War, and two poems by Lara de Lemos, a Brazilian resistance poet during the Military-Civil Dictatorship in Brazil, in the period from 1964 to 1985. The discussion seeks to show that these female voices were formed in the aesthetic representation of these catastrophes, and therefore constitute an authentic and irrefutable testimony, notwithstanding the strongly subjective character of lyric poetry.*

KEY WORDS: *Female lyric poetry. Resistance. Brazilian Civil-Military Dictatorship.*

NOTAS

- ¹ Comunicação apresentada no I Seminário Internacional França-Brasil Gênero, raça, classe e identidade social no Brasil e na França. Instituições coordenadoras: Brasil: NEIM/UFBA, UNEB/ UFC/UFF E UNIVASF e Associação de Pesquisadores Negros da Bahia (APNB). na França: CRBC/EHESS (França). 5 a 8 de agosto 2009. Salvador, Bahia, Brasil.
- ² Memoire Vivante. Bulletin edité par la Fondation pour la Memóire Vivante de la déportation. Numéro 36 janvier 2003, p. 10.
- ³ Charlotte Delbo nasceu em 10 de agosto de 1913 em Vigneux-sur-Seine (França). Ela deu início a seus estudos na área de filosofia, mas as abandonou para ser secretária de Louis Jouvét. Ingressa em las Juventudes Comunistas y se casa con Georges Dudach, redactor en Cahiers de Jeunesse. En 1942 ambos son detenidos:

él será fusilado y ella encarcelada y deportada a Auschwitz. Liberada en 1945 trabajará para la ONU y después para el CNRS. De su obra literaria destaca la trilogía *Auschwitz et après*. Source: http://www.ub.es/cdona/letra_de_dona/fitxautora/delbo.htm. En 7 janvier 1944, Charlotte Delbo, como deportada política (resistente comunista) fez parte de um grupo de oito francesas que deixou a quarentena de Raisko, succursal de Auschwitz II-Birkenau para o campo de concentração de Rawensbrück ao norte da Alemanha nazista, sob o número de matrícula 31.661. Ela faleceu em 1995. Fonte: Gary D. Mole. « La voix de la femme dans la poésie concentrationnaire » In: REICHELBERG, Ruth et KAUFFMANN, Judith (textes réunis par) *Littérature et résistance*. Presses Universitaires de Reims, 2000, p. 49. Actes du Colloque Littérature et Résistance. (Collection Littérature et Seconde Guerre Mondiale).

⁴ Lara de Lemos nasceu em Porto Alegre RS, em 1925. Concluiu, em 1945, o curso de História e Geografia na PUC/RS, onde também se formou em Pedagogia, em 1951. Dois anos depois, terminou o curso de Língua Inglesa e Literatura Contemporânea da Southern Methodist University, em Dallas (Estados Unidos). Seus primeiros trabalhos literários, *Homem no Bar* e *Mulher Só*, foram publicados em 1955, na *Revista do Globo*. Em 1959, foi co-autora do *Hino da Legalidade*, do movimento popular pela posse de João Goulart. Entre 1957 e 1994 colaborou em periódicos gaúchos como *Correio do Povo*, e cariocas, como *Jornal do Brasil* e *Tribuna da Imprensa*. Durante o período da Ditadura Civil-Militar, no Brasil, ela foi presa por duas vezes, embora não fosse militante política. Sobre sua poesia, de tendência contemporânea, afirmou o crítico Gilberto de Mendonça Telles: “o que se conta na poesia de Lara de Lemos é o que, felizmente, constitui a maior parte de sua obra: são os poemas de corte tradicional, onde uma e outra preocupação da retórica vanguardista não chega a desequilibrar a armadura do poema. (...) É aí que a poetisa consegue excelentes resultados, tornando-se uma das melhores poetisas brasileiras da atualidade.”

⁵ Márcio Seligmann-Silva. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: Márcio Seligmann-Silva (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Unicamp, 2003. p. 65.

⁶ BENVENISTE, E. Apud. Marcio Seligmann-Silva. O testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. *Proj. História*, São Paulo, (30), p.71-98, jun 2005, p. 80-81.

⁷ Alceu do Amoroso Lima (Tristão de Athayde) citado por Flávio Tavares, *Memórias do esquecimento*. São Paulo: Globo, 1999, p.9.

⁸ “E eu voltei/Ainda que você não saiba/você,/que se volta de lá de baixo/Volta-se de lá de baixo/E até de mais longe/Eu venho de um outro mundo/desse mundo/do qual eu não deixei/ e eu não sei/qual é o verdadeiro/diga-me, eu retornei/ do outro mundo?/Para mim/ Eu ainda estou lá embaixo/e morro/lá embaixo/cada dia um pouco mais/eu morro novamente/a morte de todos aqueles que estão mortos/e não mais sei o que é verdade/do mundo de lá/ do outro mundo lá de baixo/agora/eu não sei mais/quando sonho/e quando/ eu não sonho mais/ [...]” Eu voltei de entre os mortos/ e eu acreditei/ que isto me dava o direito/ de falar aos outros/e quando eu me achei em face deles/eu não tinha nada para dizer/ porque/ eu tinha aprendido/ lá embaixo/que não se pode falar aos outros”. (Tradução da autora desse trabalho).

⁹ Charlotte Delbo. “Une connaissance inutile”. In: DOUCEY, Bruno & GRINFAS, Josiane. *La Résistance en poésie*, Paris, Magnard, 2008, p. 101-2. http://www.ub.es/cdona/lletra_de_dona/fitxautora/delbo.htm. Acesso: 19/05/2009.

¹⁰ “se sent trahie par l’histoire qui lui a ôté la propre langue d’”après Auschwitz”. Gary D. Mole. “ La voix de la femme dans la poésie concentrationnaire » In: REICHELBERG, Ruth et KAUFFMANN, Judith (textes réunis par) **Littérature et résistance**. Presses Universitaires de Reims, 2000, p. 51. Actes du Colloque Littérature et Résistance. (Collection Littérature et Seconde Guerre Mondiale).

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Discurso sobre lírica e sociedade. In: COSTA LIMA, Luiz (Org.). **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. p. 347.

BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França. Trad. e Posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BEZERRA, Kátia da Costa. Inventário do medo: uma viagem de retorno às celas da ditadura militar brasileira. **Luso-Brazilian Review**. v. 42, p. 213-219, 2005.

BLANCQUART, Marie-Claire. **La poésie en France du surréalisme à nos jours**. Coll.Thèmes & études. Paris: Ellipses,1996, p. 47.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1980.

DAILLIE, François-René. **En temps de Résistance**. Essais sur la poésie. Bordeaux : L' Escampette, 1999.

DE MARCO, Valeria. A literatura de testemunho e a violência de Estado. **Lua Nova**. Revista de Cultura e Política, São Paulo, v. 62, n. 62, p. 45-68, 2004.

DOUCEY, Bruno; GRINFAS, Josiane. **La Résistance en poésie**, Paris: Magnard, 2008.

ÉSQUILO. **Oréstia**: Agamêmnon, Coéforas, Eumênides. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. Histoire de la folie à l'Âge Classique. São Paulo: Perspectiva, 1987.

GASPARI Elio. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GAUCHERON, Jacques (poèmes choisis par). **La poésie florilège la résistance**. Paris: Messidor, Musée de la *Résistance*. National, 1991

KOGON, Eugen. **L'Etat SS**. Le système des camps de concentration allemands. Paris: Seuil, 1970.

LE MOS, Lara de. **Inventário do medo**. São Paulo: Massao Ohno, 1977.

LE NOUVEL OBSERVATEUR. **La mémoire de la Shoah**. 60 ans de témoignages, de commentaires, de réflexions philosophiques et toujours la même incompréhension. Hors série n. 53. Paris, décembre 2003/janvier 2004, p 37.

- LOMBEZ, Christine. **La poésie moderne**. Editions du Temps.
- MEMOIRE VIVANTE. Bulletin edité par la Fondation pour la Memóire Vivante de la déportation. Numéro 36 janvier 2003.
- MOISÉS, Massaud. **A literatura como denúncia**. São Paulo: Íbis, 2002.
- NORA, Pierre. Entre memória. A problemática dos lugares. **Projeto História. Revista do programa de estudos Pós-graduandos em História do Departamento de História da PUC/SP**. 1981/1993, n. 10 História e Cultura. Trad. Yara Aun Khoury.
- PAVANI, Cinara Ferreira. **O íntimo e o público na obra de Lara de Lemos**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009. 126 p. (Pesquisa de Pós-Doutorado)
- PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- POUZOL, Henry. **La poésie concentrationnaire**: visade de l'homme dans les camps hitlériens 1940-1945. Paris: Seghers, 1975.
- REICHELBERG, Ruth; KAUFFMANN, Judith (textes réunis par) **Littérature et résistance**. Presses Universitaires de Reims, 2000, 270 p. Actes du Colloque Littérature et Résistance. (Collection Littérature et Seconde Guerre Mondiale).
- RODRIGUES, Marly. **A década de 80**; Brasil: quando a multidão voltou às praças. São Paulo: Ática, 1992.
- RUIVO, Marina Silva. **Literatura e resistência**: estudo comparado de *Viagem à luta armada*, de Carlos Eugênio Paz, e *A Geração da utopia*, de Pepetela. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. 285. (Tese Doutorado)
- SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** São Paulo: Ática, 1989.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Org.). **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Unicamp, 2003. p. 30.
- SELIGMANN-SILVA, Marcio. O testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. **Proj. História**, São Paulo, n. 30, p.71-98, jun. 2005.
- SOFOCLES. **A trilogia tebana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

PORTAIS

BOSI, Alfredo. Poesia como resposta à opressão. Disponível em: <<http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?id=3672>>. Acesso: 16 mar. 2009.

BRITO, A. Ferreira de. “Vozes da Resistência na revista Luso-francesa **Afinidades** durante o período da ocupação”. Luso-Francesa-Afinidades. Revista da Faculdade de letras “Línguas e Literaturas” Porto, XII, 1995, p. 371-393. Disponível em: <<http://www.ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2715.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2009.

RESISTÊNCIA FRANCESA (“**Os Maquis**”). In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2009. [Consult. 2009-01-27]..[Consult.2009-01-05]. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/resistencia-francesa-\(os-maquis\)](http://www.infopedia.pt/resistencia-francesa-(os-maquis))>. Acesso em: 27 jan. 2009.

THATCHER, Nicole (2003), Charlotte Delbo: une voix singulière. Mémoire, témoignage et littérature, Paris, L’Harmattan. Disponível em: <http://www.ub.es/cdona/lletra_de_dona/fitxautora/delbo.htm>. Acesso em: 19 maio 2009.

Recebido em: 25/08/2010
Aprovado em: 25/08/2010